

Barcellos-Moderno

Director e proprietario: ARMINDO MIRANDA

Red. e adm.

Comp. e impr.

Rua D. Antonio Barroso, 92-2.º

Typ. «Centro de Novidades»

BARCELLOS

ASSIGNATURAS: Serie de 3 numeros 60 rejs. Para fora da villa, accresce o parte do correio. PAGAMENTO ADEANTADO

5 d'outubro de 1910

No vasto e limpido Oriente, desponta um novo sol, flammejante e radioso, expargindo pelo azul finissimo que cobre a terra portugueza, a luz esplendorosa da Justiça e da Liberdade, emanando o calor fecundante do Progresso.

A alma nacional portugueza, n'um rasgado, unanime e vehemente gesto de revolta, libertando-se das algemas ignobis que intentavam prender os seus pulsos valerosos, acaba d'implantar a Republica, traçando uma nova estrada de paz e d'amor fraternal, que conduzirá a nossa Patria tão querida e tão cheia de acções nobres e heroicas, ao apogeu das mais alevantadas glorias.

Portugal é finalmente livre!

A bandeira republicana, tremulando altiva e magestosa, por toda a Nação, e no tope dos seus navios, annuncia ao mundo inteiro, o resurgimento da Patria Portugueza, e o começo d'uma nova vida, de paz e de trabalho.

Perde-se pelos alcantis, e pelas fragas das serras escarpadas ao longe no horizonte, o echo frouxo e esmorecido dos ultimos tiros dos revolucionarios.

Mas o que, longe de esmaecer antes se alteia e avulta, e a abnegação sublime, o calor enebriante, o denodo titanico, com que marinheiros e soldados, auxiliados pelo nobre povo de Lisboa, se bateram tão heroicamente, para redimir a Patria escrava.

Mais uma uma vez, a terra inteira, presa d'assombro, admira o civismo que se alberga nos adictos da alma portugueza, fixando durante dias unicamente a sua vista nas margens do formoso Tejo.

D'encontro á manifestação inegualavel e delirante, com que o povo d'esta ridente cidade patenteia o seu indescutivel entusiasmo pela implantação da Republica, chega-me tambem o echo retumbante da manifestação invulgar e calorosa, com que os heroicos filhos de Barcellos, saudam o novo regimen.

Ainda que longe, d'esse formoso recanto do Minho, terra de tantas tradições liberaes, e onde tão cedo germinou a ideia republicana, creando o «Club Democratico» e que teve por hospedes Alves da Veiga e outros vultos republicanos em evidencia, ou sinto vibrante e integral, o regosijo com que os barcellenses receberam tão grata noticia.

Ante, pois, da nova aurora resplandecente, que se rasga no horizonte purissimo, e de cuja luz urifulgente tanto compartilha a alma da mocidade, seja-me permitido, saudar o advento da Republica, na pessoa do Ex.^{mo} Snr. Dr. Antonio Martins de Souza Lima, venerando chefe do partido republicano de Barcellos, democrata da velha guarda, e em cujo coração diamantino se albergam os sentimentos mais nobres e mais puros.

Viva a Republica Portugueza!

Figueira da Foz, 22 — 10 — 910.

J. R. REBOREDO.

LITTERATURA

MENDIGO...

*Em tempo que lá vae (triste Passado!
Nunca o esqueço, por desgraça minha)
Então era eu feliz, que era o Morgado
Lá no meu Reino—na minha casinha.*

*E como eu era a Beijos sustentado
E ricaes em ventura é que eu não tinha,
Corria lá por todo o povoado
Que eu tivera uma fada por madrinha.*

*Ora um dia, deixei a minha herdade
E sahi do meu Paço predilecto
A ver o immenso Drama—a Humanidade...*

*Quando voltei, do meu doirado tecto
Restava uma só pedra—a da saudade,
E agora peço esmola:—o pão do affecto!*

Outubro de 1910.

M. B.

A TI.

*E's das mulheres mais bellas
E linda como os amores;
Brilhante como as estrellas,
Mimosa com teus candores.*

*Meu amor muito te deve,
Ser, seductor, divinal!
Teus dentes brancos de neve
Teu corpo é esculptural.*

*A quem te vê extasias,
E muito te quero eu;
E se tu me não ouvias
Morria o coração meu.*

*Não me esqueças, meu amor.
Que eu amo-te loucamente,
Pois se me desses tal dôr
Eu soffria eternamente!*

11-8-910

Alguem.

NOVELLA

Ernestina contava apenas dezeseite jo-
viaes primaveras e já era uma linda e gra-
ciosa jovensinha, de olhos seductores e atros
como azeviche, cutis mimosa, bocca peque-
nina, labios roseos e ornados de dentes al-
vissimos engastoados em rosadas gingivas;
cabellos negros e abundantes formando ca-
prichosos caracoos que, gentilmente lhe
vinham quasi poisar nos seus delicados
hombros.

De formas ideaes, mãos muito brancas,
os pequeninos pés primorosamente calça-
dos davam-lhe um aspecto esbelto, gentil.

Era alfim uma joven encantadora, for-
mosa.

*

Como seu pae estivesse doente, foram

habitar uma aldeia onde o ar era puro e
fresco.

As noites eram silenciosas, apenas cor-
tadas de longe a longe, por o latir dos
cães das quintas que presentiam alguem,
por o piar de algamas aves nocturnas, ou
ainda por o soar das badaladas pausadas
e graves do relógio da freguezia.

*

Ernestina contava já muitas relações e,
entre ellas, a do filho do fidalgo Lopes—
rapaz galanteador e gentil que despertou
logo toda a sua attenção.

João—assim se chamava elle—escreve-
ralhe uma missiva em papel de luxo, di-
zendo-lhe que a amava muito, que o amôr
que lhe dedicava era sincero e puro como
o puro perfume das flôres!...

Ernestina ao vêr aquellas phrases tão

lindas, tão meigas, que nunca vira, ficára entusiasmada.

E o odôr que a carta exhalava! Oh! que delicia!...

João não tardou a ter nas mãos a resposta que anciava.

Passados dias já se amavam fervorosamente, doidamente.

Ainda o namoro durava, Ernestina cabiu no leito enferma, tão enferma, que quinze dias depois era levada morta, em um esquite tão branco, tão branco, parecia de neve!...

João ao receber a dolorosa e lugubre noticia quasi que morria: faz-se pallido e desmaiou.

Desde o fallecimento da Ernestina, João, triste e silencioso, vestido de lucto, altas horas da noite, ia ter ao recinto onde repouzavam os restos d'aquella que em vida o amou.

Chegado ahi, ajoelhava sobre a campa da sua querida, orvalhando-a com sentidissimas lagrimas de viva saúdade. Depois de invocar o nome d'ella orava, chorava, e adormecia.

Até que uma noite não mais pôde acordar.

Barcellos, 26—10—910.

Ernesto Fausto.

PERFIS FEMININOS

VII

Na rua mais *escabrosa*
Que na nossa terra ha,
Em morada côr de *roza*
Procurem que a encontram lá.

Consta (e eu sei que não é galga),
Desde o norte até ao sul,
Que tem familia *fidalgua*
E nas veias sangue azul.

Na Assembleia... Mas que digo?
Na praia e em casa tambem,
A' valsa chama-lhe um *figo*
E... á quadrilha tambem.

Tem *sympatias* a rodos
(Tudo merece e ainda mais
E uza — o que não é p'ra todos —
O appellido de seus *paes*.

Pelo seu primeiro nome
Foi fadado para o amor...
Mas que a tortura a *consome*
— Tem espinhos esta *flôr!*

UM ADMIRADOR.

SECÇÃO RECREATIVA

Charada auxiliar

- 1.^a cução = expressão
- 2.^a minar = reprimir
- 3.^a zinho = limitrophe
- 4.^a morar = cativar

- 1.^a latório = murmuração
- 2.^a quêza = fertilidade
- 3.^a mar = escolher

Dama barcellense.

Um teimoso

Logogripho

2, 23 M 8, 3, 15, 22,
1, 14, 3 U 25, 17

4, 19 B 5, 24, 10, 22
16, 6, 18, 26 E 4
7, 20, 9 T 11, 26, 21, 2
19 A 13, 18, 2, 2

Cavalheiro barcellense.

Engraçadinho.

Paciencia feminina

Formar o nome d'uma gentil dama barcellense com as letras da seguinte phrase:

Reizou na pena d'Areias!

APULIENSE.

Soluções do n.º 6

Paciencia feminina — Maria Helena Peixoto.

Soluções do n.º 7

Charadas auxiliares — Albertina Macedo, Maria Pereira de Sousa.

Paciencia feminina — Maria da Gloria de Lima Bandeira.

Decifradores: Um republicano. A. B. L., Javardo, e Trez panotilheiros.



Para violão

*E' certo: o Amor não existe,
N'esse Deus não tenho eu fé:
Dize-me então, já o viste?
—Pois o meu peito o que é?...*

*Olha que ventura a tua
Não termos gostos equaes;
Amas o Sol, eu a Lua...
Pudera! Se eu soffro mais!...*

*O' fontinha encantadora,
Não tens nada que me dar,
Que a sede que me devora
Não m'a podes tu matar!*

*Quando às vezes me atormenta
A sede de Alma (outra não),
Bebo Luar — agua benta
Que faz bem ao Coração.*

Mu Beta.

Trovas populares

Certos olhos vi a alguem,
Capazes de me encantar:
Mas não direi a ninguem
Qual a dona dêsse olhar...

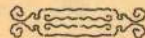
Quem só vive para o amôr,
Não tem mais a que aspirar;
Não ha consòlo melhor
Do que viver sempre a amar!...

Recebemos

A Voz do Leça, jornal semanal litterario e noticioso. Publica-se em S. Mamede d'Infesta, sob a direcção do sr. Mario d'Almeida Figueiredo.

Gazeta da Figueira, jornal bi-semanario. Tem por director o sr. Augusto Veiga. Figueira da Foz.

Agradecemos.

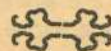


Anniversarios

Completoou o 1.º anno de existencia a revista «A Justiça», de publicação mensal de Direito Practico, burocratico e commercial, de Lisboa, tendo por directores os ex.ºs srs. Dr. Alberto Silveira, advogado: e José d'Aquino Falcão, insigne poeta.

Entrou tambem no 5.º anno da sua publicação o nosso presado collega «O Espozendense», semanario independente e acerrimo defensor dos interesses do vizinho concelho de Espozende. Tem por director, proprietario e administrador o sr. José da Silva Vieira.

Aos dois collegas enviamos as nossas sinceras saudações e desejamos-lhes muitos annos telizes!



Rectificação

Devido á má revisão o artigo intitulado «Praias e Campos» do preterito n.º do nosso jornal, sahi carregado de gralhas.

Pedimos, pois, muita desculpa aos nossos leitores especialmente ao seu distincto auctor.